



OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE



CAMPANHA
CONSTRUINDO CIDADES RESILIENTES



MINHA CIDADE ESTÁ SE PREPARANDO!

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 10/02/2020



Plano de ação de resiliência da comunidade de Tarnagulla

O plano identificará maneiras pelas quais a comunidade Tarnagulla pode aumentar sua resiliência a um clima em mudança e desenvolver capacidades adaptativas nos níveis individual, familiar e comunitário.

O projeto trabalhará para desenvolver o primeiro Plano de Ação de Resiliência da comunidade (que será revisado após 5 anos), trabalhando com a comunidade Tarnagulla para entender e documentar seus pontos fortes e desafios; estabelecer conexões com organizações apropriadas destinadas a fortalecer a resiliência e o bem-estar da comunidade; e co-desenvolver seu próprio 'Plano de Ação de Resiliência', baseado na comunidade. Ele usará ideias do planejamento de desastre da comunidade da EMV, bem como ideias mais amplas do pensamento de resiliência e adaptação às mudanças climáticas.

FONTE: https://cur.org.au/cms/wp-content/uploads/2019/08/milestone-3_final_strengths-challenges-report_revised.pdf



Usando pesquisas em telefones celulares para rastrear resiliência e recuperação pós-desastre: um guia de instruções

Uma das muitas oportunidades para pesquisas móveis para apoiar o setor de desenvolvimento é rastrear a resiliência e a recuperação pós-desastre. A coleta de informações em regiões afetadas por desastres geralmente é perigosa, dispendiosa e demorada. É aqui que as pesquisas móveis têm uma vantagem real: oferecer formas mais baratas de entrar em contato com indivíduos remotamente, geralmente em tempo quase real. As pesquisas móveis removem muitos dos desafios logísticos e de segurança da coordenação de grandes exercícios de pesquisa domiciliar (que são cruciais para áreas frágeis e afetadas por conflitos). Eles também podem facilitar muito o contato com pessoas que estão em movimento, como comunidades pastorais ou pessoas que fogem de um evento de choque.

O crescimento da popularidade de pesquisas em telefonia móvel, tanto para monitoramento quanto avaliação (M&A) e esforços de pesquisa, levou a um aumento de estudos que tratam das questões metodológicas e logísticas enfrentadas por essa nova forma de pesquisa social aplicada. Muitas dessas ideias se baseiam empiricamente nas experiências e lições das recentes pesquisas em larga escala sobre telefones celulares.

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/70232_bracedusingmobilephonesurveystotracc.pdf



ELSEVIER

Estrutura de avaliação de resiliência para infraestrutura crítica em um ambiente de vários perigos: estudo de caso sobre ativos de transporte

A exposição da infraestrutura crítica a riscos naturais e induzidos pelo homem tem graves consequências para as economias e sociedades mundiais. Portanto, a avaliação da resiliência dos ativos de infraestrutura para eventos extremos e sequências de diversos riscos é de suma importância para manter sua funcionalidade. No entanto, a avaliação da resiliência geralmente assume riscos únicos e ignora abordagens e decisões alternativas na estratégia de restauração. Foi agora estabelecido que proprietários e operadores de infraestrutura consideram fatores diferentes em suas estratégias de restauração, dependendo dos recursos disponíveis e de suas prioridades, da importância do ativo e do nível de dano. Atualmente, nenhuma estrutura integrada que explique a natureza e a sequência de vários perigos e seus impactos, as diferentes estratégias de restauração, e, portanto, existe a quantificação da resiliência a esse respeito e essa é uma lacuna reconhecida que precisa ser preenchida com urgência. Este artigo fornece, pela primeira vez na literatura, uma classificação de múltiplas sequências de perigos, considerando sua natureza e impactos. Posteriormente, é proposta uma nova estrutura para a avaliação quantitativa da resiliência da infraestrutura crítica, sujeita a múltiplos perigos, considerando a vulnerabilidade dos ativos às ações de perigos e a rapidez da recuperação de danos, incluindo a variabilidade temporal dos perigos. O estudo

apresenta um índice de resiliência de ativos bem informado, que responde pela restauração total, parcial ou inexistente de danos aos ativos entre as ocorrências de perigo subsequentes. A estrutura proposta é então aplicada em uma ponte típica de rodovia, exposto a vários cenários realistas de risco, considerando estratégias de restauração pragmática. O estudo de caso conclui que há um efeito significativo do tempo de ocorrência do segundo risco no índice de resiliência e um erro considerável ao usar a sobreposição simples de índices de resiliência de diferentes perigos, mesmo quando independentes em termos de ocorrência. Isso potencialmente preocupa todos os ativos críticos da infraestrutura e, portanto, este documento fornece informações úteis para o design e o gerenciamento da infraestrutura baseados em resiliência durante toda a vida útil, levando a economia de custos e serviços aprimorados.

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/70225_70225argyroudisetalmanuscriptaccept.pdf



ONU lança programa para segurança em eventos esportivos e prevenção do extremismo violento

As Nações Unidas lançaram esta semana, em Nova Iorque, um programa global sobre segurança de grandes eventos esportivos e promoção do esporte e seus valores como ferramenta para prevenir o extremismo violento.

O objetivo do novo programa é desenvolver políticas e práticas inovadoras, fortalecer a cooperação internacional, estimular parcerias público-privadas e novas abordagens de segurança. Nos próximos meses, será lançada a campanha “Say NO to Terrorism” (“Diga NÃO ao Terrorismo”), com atletas e organizações da sociedade civil.

Ainda no primeiro semestre, estão previstas duas reuniões internacionais com especialistas dos estados-membros, organizações internacionais e regionais, federações esportivas e representantes do setor privado. Depois disto está prevista a criação de um pacote de diretrizes para ajudar os estados-membros a organizar eventos esportivos, além de uma Rede Digital Global para troca de informação e boas práticas.

Com apoio do Catar, China e da Coreia do Sul, o programa é uma iniciativa conjunta do Escritório de Combate ao Terrorismo das Nações Unidas, do Instituto de Pesquisa Inter-Regional de Crime da ONU, da Aliança de Civilizações da ONU e do Centro Internacional de Segurança do Esporte.

Nas últimas décadas, ocorreram os ataques às Olimpíadas de Munique, na Alemanha, em 1972, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos, em 1996 e nas maratonas do Sri Lanka em 2008 e em Boston em 2013.

Para o chefe do Escritório da ONU de Contraterrorismo, Vladimir Voronkov, o esporte promove tolerância e igualdade de gênero e fortalece comunidades, cria resiliência e usa os instintos competitivos naturais de uma forma harmoniosa. No lançamento do programa, Voronkov reformou a necessidade do apoio de todos: “A comunidade internacional tem a obrigação moral de proteger os esportes e promovê-los como uma forma poderosa para combater o terrorismo e prevenir o extremismo violento.”

FONTE: <https://news.un.org/pt/story/2020/02/1702732>



ALL INDIA DISASTER MITIGATION INSTITUTE

A responsabilidade é do interesse de todos

Esta edição destaca a importância da responsabilidade não apenas de cima para baixo, mas de baixo para cima e lateralmente para organizações humanitárias e OSC.

O conteúdo desta edição inclui:

- (i) prestação de contas em interesse público;
- (ii) O papel da comunidade na redução do risco de corrupção durante um desastre;
- (iii) Responsabilidade Dinâmica, Uma Abordagem Direcionada às Partes Interessadas;
- (iv) Responsabilidade e resiliência: um casamento feito em desastres;
- (v) Prestação de contas como gatilho da inovação social;
- (vi) Compreendendo a Sustentabilidade Cultural no Contexto da Governança Transfronteiriça da Água;
- (vii) Mecanismos de feedback e reclamações;
- (viii) Da assistência em desastres à sociedade civil resiliente;
- (ix) Repensando a Revolução da Participação;
- (x) Alcançar mais confiança, legitimidade e resiliência para a sociedade civil;
- (xi) Preenchendo a lacuna no objetivo de desenvolvimento sustentável 16: Dados indicadores inclusivos e responsivos para tomada de decisão;
- (xii) Envolver as partes interessadas para aumentar a resiliência: Crise de refugiados em Rohingya;
- (xiii); Rosie, o robô: responsabilidade social, um tweet de cada vez; e
- (xiv) a responsabilidade é do interesse de todos.

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/70247_70247184accountabilityisineverybody.pdf



OMS, OPAS e UIT discutem uso de inteligência artificial na saúde

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a União Internacional de Telecomunicações (UIT) [reuniram](#) pesquisadores, engenheiros, profissionais, empresários e formuladores de políticas para discutir oportunidades de padronização e desafios do uso da inteligência artificial para a saúde. O encontro aconteceu no fim de janeiro em Brasília. Ainda neste ano, um guia sobre ética do assunto deve ser publicado pela OMS.

Além de um workshop sobre o tema, os organismos internacionais realizaram a oitava reunião do Grupo Focal da UIT/OMS em Inteligência Artificial para a Saúde. Durante o evento, também foi criado um grupo de trabalho focado em ética no uso de inteligência artificial para a saúde (WG-Ethics).

Andreas Reis, co-líder da Equipe Global de Ética em Saúde da OMS e presidente do grupo de ética, afirmou que será publicado o Boletim da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre aprendizado automático, big data e inteligência artificial, bem como um guia sobre ética e governança da inteligência artificial para a saúde. Ambos estão previstos para serem divulgados neste ano. “Existem, provavelmente, centenas de princípios para a inteligência artificial, mas nenhum focado para saúde”, disse.

Para Thomas Wiegand, presidente do Grupo Focal, é importante ter saúde digital em escala no mundo todo. “Queremos lidar com dispositivos médicos, epidemiologia e sistemas de saúde, de modo a ter uma inteligência artificial para a saúde que seja inclusiva e funcione bem”.

Leonardo Euler de Moraes, presidente da Agência Nacional de Telecomunicações, observou que a inteligência artificial está transformando a maneira como as pessoas reagem, consomem informações e obtêm bens e serviços. “Ela permite o acesso a vastos conjuntos de dados, com informações potencialmente vitais, diagnóstico preciso, procedimentos de terapia intensiva e procedimentos médicos remotos”.

O Brasil está avançando na regulamentação da inteligência artificial, na avaliação de Maria Claudia Ferrari de Castro, diretora de Tecnologias e Programas de Desenvolvimento Sustentável e Sociais do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Para Alberto Tomasi Diniz Tiefensee, diretor de Monitoramento e Avaliação do Sistema Único de Saúde (SUS) do Ministério da Saúde, a expectativa é de melhoria na qualidade dos serviços de saúde. “Também é importante investir em capacitação de profissionais de saúde para que eles possam lidar com os avanços da tecnologia”, afirmou.

Segundo Maria Almiron, coordenadora de Doenças Transmissíveis e Análise de Situação de Saúde no escritório da OPAS/OMS no Brasil, quando se fala em inteligência

artificial as primeiras coisas que vêm à mente são robôs, veículos guiados automaticamente e assistentes virtuais inteligentes. “Mas a inteligência artificial é muito mais do que isso e tem diversos campos para serem explorados. Um deles é a saúde. As inovações nesse setor certamente vão beneficiar muito a população”, disse. Ela acrescentou que a ideia não é que a inteligência artificial substitua profissionais de saúde, mas que aumente a eficiência do trabalho: “Isso também permite que o cuidado chegue a mais pessoas em áreas vulneráveis, contribuindo, assim, para alcançarmos a saúde universal”.

Juliano Accioly Tesser, especialista do Departamento de Dispositivos Médicos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), lembrou que é desafiador regulamentar um software como dispositivo médico e explicou que o tema está sendo acompanhado pelo Fórum Internacional de Reguladores de Dispositivos Médicos. Alejandro Lopez Osornio, diretor de Sistemas de Informação em Saúde do Ministério da Saúde e Desenvolvimento Social da Argentina, explicou que o assunto está sendo acompanhado no país entre desenvolvedores e especialistas do Ministério da Ciência, para criar um novo processo de certificação.

O workshop também contou com apresentações de empresários e universidades sobre o uso da inteligência artificial em saúde. Entre os destaques estavam o uso de inteligência artificial na Nicarágua para predição da qualidade de vida futura de pacientes com quadros graves de câncer, indicando se a pessoa analisada viveria mais ou menos de 30 dias com bem-estar aceitável; e o uso no Chile de um assistente virtual que automatiza a interação entre os profissionais de saúde e pacientes – incluindo agendamento, confirmação de consultas, organização de tratamentos preventivos, manejo de listas de espera e monitoramento de pacientes.

Tecnologias digitais –As tecnologias digitais, o aprendizado automático e a inteligência artificial estão revolucionando os campos da medicina, pesquisa e saúde pública. Embora seja promissora, a temática levanta preocupações éticas, legais e sociais, como acesso equitativo, privacidade, usos e usuários apropriados, responsabilidade e viés inclusivo. Essas questões são de natureza transnacional, pois a captura, o compartilhamento e o uso de dados gerados ou usados por essas tecnologias vão além das fronteiras nacionais.

As ferramentas, métodos e tecnologias usadas no big data e na inteligência artificial estão sendo aplicadas para melhorar os serviços e sistemas de saúde. No entanto, muitas questões permanecem sem resposta sobre o desenvolvimento ético e o uso dessas tecnologias, incluindo como os países de baixa e média renda se beneficiarão dos desenvolvimentos da inteligência artificial.

A OMS e a UIT estabeleceram um Grupo Focal em Inteligência Artificial para a Saúde em julho de 2018. Ele está desenvolvendo um processo de benchmarking (análise estratégica aprofundada sobre melhores práticas) para modelos de inteligência artificial em saúde que podem atuar como uma estrutura internacional, independente, com avaliação padronizada.

Para estabelecer esse processo de avaliação e benchmarking, o Grupo está pedindo a participação de profissionais de saúde, de inteligência artificial, de análise de dados e de especialistas em políticas. Grupos temáticos estão sendo formados por comunidades de partes interessadas, permitindo que o Grupo Focal desenvolva processos para avaliação e benchmarking específicos para cada tópico de saúde.

A Organização Pan-Americana da Saúde acredita que as atividades de saúde pública realizadas no âmbito da sociedade da informação podem contribuir ativamente para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Para que isso aconteça, essas atividades devem ser sustentadas por cinco princípios norteadores: ciência aberta, dados abertos, dados não estruturados, novas habilidades e governo eletrônico.

FONTE: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6097:oms-opas-e-uit-discutem-uso-de-inteligencia-artificial-na-saude-durante-workshop-no-brasil&Itemid=812



Perfil da vulnerabilidade da Austrália: as causas interconectadas e os efeitos em cascata do risco sistêmico de desastres

Concentrando-se na vulnerabilidade sistêmica, o elemento de risco que informa decisões complexas e de alto risco, este relatório procura:

- fornecer novos conhecimentos sobre os sistemas complexos e interconectados que apoiam a sociedade australiana e influenciam a resiliência ou a vulnerabilidade a desastres;
- destacar o que as pessoas valorizam e focar em como as tensões e trade-offs entre diferentes valores influenciam as prioridades e as escolhas agora e no futuro;
- promover discussões sobre os efeitos interconectados e em cascata das causas sistêmicas da vulnerabilidade e as implicações das decisões na preparação e resiliência futuras;
- permitir que boas intenções sejam transformadas em ações focadas e sustentadas em vários níveis da sociedade australiana, de maneira a reduzir a vulnerabilidade e criar resiliência.

Consistente com a Estrutura de Sendai para Redução de Riscos de Desastres 2015-2030, a criação de perfil da vulnerabilidade da Austrália contribui para a compreensão do risco de desastre em todas as suas dimensões - vulnerabilidade, capacidade, exposição de pessoas e ativos, características de risco e meio ambiente.

Este trabalho fornece uma estrutura para equipar os líderes australianos de todos os níveis para ter uma conversa diferente sobre o risco de desastres, para que juntos as

ações e decisões que eles tomam possam manter a confiança do público, reduzir o sofrimento e sustentar uma nação segura e próspera.

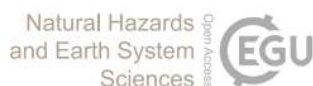
FONTE: https://www.preventionweb.net/files/64821_nationalresiliencetaskforceprofilin.pdf



O elo que faltava no gerenciamento de emergências: avaliando o envolvimento da comunidade

Os programas de envolvimento da comunidade na Austrália são amplamente adotados pelas organizações de gerenciamento de emergências como uma maneira de fazer com que as comunidades reconheçam perigos e riscos e se preparem para eventos de emergência. No entanto, a avaliação desses programas continua sendo um desafio. Um estudo com 30 profissionais e gerentes de engajamento comunitário de organizações de gestão de emergências, conselhos e organizações sem fins lucrativos da Austrália foi realizado para examinar como eles usam a medição e a avaliação do engajamento comunitário para a preparação. As descobertas sugerem que, embora as equipes de engajamento da comunidade compreendam a importância de medir os efeitos dos esforços de engajamento e das atividades de preparação, a maioria ainda não vincula atividades de engajamento com resultados de engajamento de nível mais alto que influenciam as comunidades.

FONTE: https://knowledge.aidr.org.au/media/7457/ajem_12_2020-01.pdf



Tempo de resposta para eventos de inundação usando um índice de vulnerabilidade social (ReTSVI)

Os métodos atuais para estimar o tempo de evacuação durante um desastre natural não consideram as características socioeconômicas e demográficas da população. Este artigo desenvolve o tempo de resposta por índice de vulnerabilidade social (ReTSVI). O ReTSVI combina uma série de módulos que são informações que interagem durante uma evacuação, como curvas de taxa de evacuação, mobilização, modelos de inundação e índices de vulnerabilidade social, para criar um mapa integrado da taxa de evacuação em um determinado local. Fornecemos um exemplo da aplicação do ReTSVI em um caso potencial de um grave evento de inundação em Huaraz, Peru. Os resultados mostram que, durante os primeiros 5 minutos da evacuação, a população que vive em bairros com alta vulnerabilidade social evacua 15% e 22% menos pessoas do que os blocos com média e baixa vulnerabilidade social. Essas diferenças diminuem gradualmente ao longo do tempo após o aviso de evacuação e a vulnerabilidade social se torna menos relevante após 30 minutos. Os resultados do exemplo de aplicação não

têm significância estatística, o que deve ser considerado em um caso real de aplicação. O uso de uma metodologia como o ReTSVI poderia possibilitar a combinação de vulnerabilidade social e física em uma estrutura qualitativa para evacuação, embora sejam necessárias mais pesquisas para entender as variáveis socioeconômicas que explicam as diferenças na taxa de evacuação.

FONTE: <https://www.nat-hazards-earth-syst-sci.net/19/251/2019/nhess-19-251-2019.pdf>

EVENTOS



Gerenciamento de Emergências e Desastres MPH

Descrição

O Programa Internacional em Gerenciamento de Emergências e Desastres é um Mestrado em Saúde Pública (MPH) de um ano e constitui uma grande oportunidade para estudar a preparação para emergências e desastres em um país como Israel, que há muito tempo é considerado um líder em gerenciamento de desastres devido à sua história única e resposta robusta e resiliência.

Portanto, especialistas treinados em Israel são de emergência e a gestão de desastres são perseguidos por muitos setores e altamente respeitados em todo o mundo.

Os professores e palestrantes convidados são especialistas na área e podem apresentar aos alunos uma valiosa oportunidade de networking. Os ex-palestrantes representaram organizações como: MADA, Ministério das Relações Exteriores, Autoridade Nacional de Emergência, profissionais de saúde para refugiados, Comando Homefront, Comando Israelense de Ajuda.

Alunos de uma ampla variedade de formações acadêmicas são bem-vindos neste curso.

Existe um sistema de admissão contínuo, o que significa que **não há prazo para inscrição**, desde que ainda haja espaço no ano.

Cobertura geográfica

Global

FONTE: <https://emergexint.tau.ac.il/>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>